

Tornou-se um lugar comum afirmar, em nossos dias, que a vigilância está em toda parte. Miniaturizada e mesmo invisível a olhos nus, ela corre sob os fluxos de nossas comunicações, cliques e trajetos nas redes informacionais, guiada por algoritmos de coleta e tratamento automatizado de dados. Capturando rastros e vestígios de nossa presença on-line e off-line via rastreadores, sensores, sistemas de geolocalização e etiquetas de radiofrequência, as tecnologias de monitoramento aproximam-se de nosso cotidiano e de nossa intimidade, ao mesmo tempo em que operam segundo as escalas gigantescas do big data, abarcando vastíssimas populações e territórios. A materialidade de tais tecnologias envolve desde os nanômetros até as pesadas infraestruturas de cabos, redes de tráfego e centros de processamento de dados. Esses aparatos estão sob os nossos pés e oceanos (como os cabos de fibras óticas subterrâneos ou submarinos), sobre nossas cabeças (drones e satélites), incorporados à arquitetura das cidades (câmeras, antenas, detectores de sinais, radares) ou trafegando pelo ar (via frequências, sinais, ondas eletromagnéticas etc). Em termos subjetivos e afetivos, os processos de vigilância e monitoramento atravessam nossos temores e anseios por segurança, bem como nossas relações amorosas, sexuais, familiares. Institucionalmente, cruzamentos entre Estados e corporações, guerra ao terror e interesses de mercado, agências de segurança nacional e o comércio de dados pessoais na Internet convivem em um mercado bilionário e ainda não regulado.

Este diagnóstico sufocante não deve, contudo, fazer supor que o caráter pervasivo e distribuído da vigilância signifique que ela tudo englobe. Um amplo e inventivo espectro de ações e reflexões tecnopolíticas consolida-se paralelamente, criando campos férteis em táticas que tanto questionam e driblam as operações de vigilância e de controle em curso, quanto constroem meios alternativos de produzir, habitar e viver coletivamente as redes sociotécnicas contemporâneas.

A Revista ECO-Pós traz nesta segunda edição um dossiê voltado justamente para o cruzamento das táticas e reflexões tecnopolíticas com os dispositivos de vigilância. Termo ainda em construção, a tecnopolítica pode ser entendida amplamente como uma caixa de ferramentas para os embates sociotécnicos do presente. Neste dossiê, o termo é acionado na reflexão sobre a construção de políticas de dados, de algoritmos, de visibilidade, de conhecimento e de processos subjetivos que permitam compreender a heterogênea rede de atores e práticas de vigilância, bem como escapar dela.

O texto de abertura do dossiê **Tecnopolíticas e Vigilância** é um esforço coletivo de mapear o complexo cenário da vigilância transnacional revelado pelos documentos da Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos divulgados por Edward Snowden em 2013. Em "Após Snowden: Repensando o impacto da vigilância" Zygmunt Bauman, Didier Bigo, Paulo Esteves, Elspeth Guild, Vivienne Jabri, David Lyon e R. B. J. Waker, descrevem as especificidades da vigilância eletrônica em massa e seu impacto sobre os

sentidos e as práticas de segurança nacional, diplomacia, direitos humanos, democracia, obediência e subjetividade. Aspectos deste cenário reaparecem no texto “Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: o díspar como condição de individuação pela relação?”, de Antoinette Rouvroy e Thomas Berns. Os autores, problematizam as novas formas de controle que derivam de uma governamentalidade algorítmica, em contraste com as técnicas estatísticas modernas. Perguntam-se quanto o foco na dimensão relacional dos dados sobre indivíduos, próprio aos dispositivos de rastreamento e análise algorítmica, suscitaria alguma esperança de liberdade para o sujeito. Em diálogo com as noções de transindividual (Gilbert Simondon) e de rizoma (Gilles Deleuze e Félix Guattari) tecem aproximações e distâncias entre o modelo algorítmico e os mundos relacionais propostos por estes autores.

“Espetáculo do Dividual: tecnologias do eu e vigilância distribuída nas redes sociais”, texto de Pablo Rodriguez, explora os novos modos de subjetivação associados às transformações do que entendemos por público, privado e íntimo nas redes sociais. Retomando as dinâmicas do espetáculo (Guy Debord) e da teatralidade das interações face a face (Erving Goffman), o autor explora os atuais vínculos entre subjetividade, tecnologia e vigilância enfatizando a noção de dividual em Gilles Deleuze e suas ressonâncias na definição do perfil e das tecnologias do eu na vida social em redes como Facebook, Twitter e Instagram. Este também é o campo de reflexão de Henrique Antoun em “Para uma Internet política das subjetivações”. O autor interroga a possibilidade de constituição de uma outra Internet, distinta daquela movida pelos gigantes sistemas de monitoramento e controle de dados. Esta outra Internet seria “capaz de ancorar práticas de si que exploram a autonomia relativa que pode ser alcançada com as técnicas do eu”?

Paulo Faltay e Luiz Carlos Pinto nos conduzem ao campo estético-político, explorando os vínculos entre a produção de rastros e vestígios digitais, as tecnologias móveis com capacidade de posicionamento e geolocalização, e a criação de lugares e espaços mediados. Em “Políticas e poéticas dos rastros” os autores analisam projetos nacionais e internacionais desenvolvidos com sensores RFID e Bluetooth, utilizando metodologia inspirada na Teoria Ator-Rede, especialmente no trabalho de Bruno Latour. Além de problematizar os dispositivos de localização, vigilância e mobilidade, os autores apostam que tais projetos produzem novas espacialidades e territórios transitórios de resistência.

Os rastros digitais retornam no texto de Lilian Cristina Monteiro França, no contexto da política de privacidade e de uso de cookies no site do jornal inglês *The Guardian*. Em “Vigilância e políticas de privacidade na sociedade pós-cookie: o caso do *The Guardian*”, a autora mostra como o alto número de cookies de terceiros presentes no site nos leva a vislumbrar o risco de o direito à privacidade se tornar, no futuro, uma mercadoria a ser adquirida. As estratégias de coleta de dados de usuários e clientes por parte de corporações também são tema do texto “*Is the (Generative) Web Dead?: controle e vigilância em ecossistemas digitais de entretenimento*”, de Rosana Vieira de Souza. A partir de uma análise dos dispositivos iOS, da *Apple*, a autora explora a emergência dos ecossistemas digitais de entretenimento centrados na integração do software, hardware e serviços como parte das estratégias de captura e manutenção de clientes.

“A fábula da câmera invisível na escola e o regime contemporâneo de imagens”, de

Cláudia Linhares Sanz conecta o diagrama atual da vigilância com os dispositivos de produção e circulação de imagens. Tomando como ponto de partida um episódio escolar recente, a autora faz uma leitura arguta dos ruídos que o atual regime de visibilidade produz na anunciada crise da escola disciplinar e seus modelos de autoridade, indicando novos modos de as subjetividades se relacionarem com as imagens. Seguindo no campo das imagens e suas tensões com o mundo contemporâneo, Ednei de Genaro se debruça, em “Imagens operativas e pós-fotográficas: um estudo a partir de Farocki”, sobre três trabalhos do cineasta: as instalações *Serious Games* (2009-2010) e *Paralelo* (2012-2014), e o documentário *Imagens da prisão* (2001).

O artista, cineasta e pensador alemão Harun Farocki não poderia estar ausente deste dossiê. Falecido em 2014, Farocki deixou uma obra que atravessa a tríade política-tecnologia-vigilância de diversas maneiras, seja pelo reemprego imagens de vigilância, seja por montagens e ensaios que problematizam estética e politicamente o uso de máquinas de visão em diferentes domínios: indústria, guerra, espetáculo etc. Seu texto “Imagens fantasmas” reflete sobre a produção de imagens de guerra feitas por câmeras suicidas, acopladas a bombas, e desenvolve com precisão o conceito de imagem operativa: “aquela que já não representa mais um objeto, mas faz parte de uma operação”.

Peter PálPelbart encerra o dossiê com uma bela pensata sobre “A terra, a guerra, a insurreição”. Partindo das inquietações cosmopolíticas sobre o fim do mundo e a lógica não civilizável do capitalismo, ingressa nas atuais estratégias da guerra e da contra-insurreição cuja tecnologia privilegiada é o drone, sintoma radical da “não-civilização” e do “pós-humanismo roboético”. A insurreição vem em seguida, num diálogo com o grupo Comitê Invisível, a partir do qual recoloca a questão sobre o que significa resistir hoje.

Na seção **Entrevista**, que acompanha o dossiê, o espetacular mundo dos megaeventos que o Brasil vem sediando se cruza com a indústria global da vigilância e com o jornalismo investigativo independente. Natalia Viana, em entrevista realizada por Julio Bezerra, Ícaro Ferraz Vidal Junior, Wilson Milani e Fernanda Bruno, fala de sua parceria com o WikiLeaks, do mercado bilionário das grandes empresas de vigilância e da criação da *Agência Pública*, um modelo de jornalismo investigativo sem fins lucrativos.

Dando continuidade à seção **Portfólio**, retomada no primeiro volume do ano de 2015, esta edição apresenta o projeto *#dronehackademy*. Realizado por Pablo de Soto e LotAmoros, em parceria com o MediaLab.UFRJ e a Rede LAVITS, o projeto alimenta perspectivas diversas sobre o processo de construção, reflexão e uso sociotático dos drones. Fernanda Bruno assina o texto “Olhos no céu, políticas da terra”, que abre o ensaio visual da *#dronehackademy*.

A seção **Perspectivas** é composta por um conjunto diversificado de artigos. Agnes Francine de Carvalho Mariano trata da tensão entre verdade e ficção no jornalismo em “Verdade e ficção na produção jornalística: entrevista e memória”; Elias Cunha Bitencourt e Karla Schuch Brunet voltam suas atenções para o e-reader *Kindle Paperwhite* da Amazon, aplicando um modelo de análise baseado nas teorias do *Software Studies* de Lev Manovich em “Isso não é só um livro: uma análise do *kindle paperwhite* sob a ótica dos estudos de software”; Felipe de Castro Muanis investiga em “A imersão

televisiva e o retorno da imagem estereoscópica” os potenciais de imersão da imagem televisiva com base em textos de Oliver Grau, Jonathan Crary, Michel Chion, Arlindo Machado e André Bazin; Graziela Andrade reflete sobre o corpo enquanto dispositivo em “Corpo-Dispositivo: entre o visível e o invisível da informação”, partindo da teoria “corpomídia” para compreendê-lo como um sensível capaz de experimentar a informação em sua verticalidade - em seu visível e invisível; e João Martins Ladeira revisita o debate sobre o desenvolvimento da Internet, na expectativa de compreender um período decisivo, imediatamente anterior ao seu uso comercial.

Tecnopolíticas e vigilância se encerra com três **Resenhas**. Ícaro Ferraz Vidal Junior dialoga com Éric Sadin e o seu “La vie algorithmique: critique de la raison numérique” (L’Echappée Editions, 2015). Gills Vilar Lopes dedica-se ao livro “O escândalo da espionagem no Brasil” (Thesaurus, 2014), de Jorge Bessa. E, por fim, Rafael Godoi apresenta “Todos os olhos: videovigilâncias, voyeurismos e (re)produção imagética” (UFRJ, 2015), de Bruno Cardoso.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Fernanda Bruno
Julio Bezerra
Wilson Milani

EXPEDIENTE

EDITORES ADJUNTOS

Micael Herschmann, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
VICTA de Carvalho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Julio Bezerra, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR CONVIDADO

Fernanda Bruno, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

SECRETARIA

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Vinícius Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Alessandra Maia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Ana Beatriz Rangel, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ana Carolina Correia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ana Paula Grabois, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Beatriz Malcher, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Camila Calado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Daniel Fonsêca, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Evandro Medeiros, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Leandro de Paula Santos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Louise Carvalho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Marcela Canavarro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Priscilla Calmon, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Rachel Bertol, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Raquel Timponi, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Wilson Milani, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

INDEXAÇÃO

Fernanda Lima Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ícaro Vidal, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

TRADUÇÃO E VERSÃO

Camila Vieira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Sandra Arencón, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Joana Negri, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

FOTO DA CAPA

#dronehackademy OP Vila Autódromo, 22 junho 2015. Foto por Vito Ribeiro Rio40Caos

DESIGN DA CAPA

Kermesson Magalhães, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

DIAGRAMAÇÃO E PROGRAMAÇÃO VISUAL

Kermesson Magalhães, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
 Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos
 Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
 Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos
 Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil
 Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil
 Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
 Francisco Rüdiger, PUC-RS, Brasil
 Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina
 Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca
 Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos
 Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil
 Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
 Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha
 Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil
 Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos
 Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
 Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil
 Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
 Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
 Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos
 Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina
 Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
 Othon Jambeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
 Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos
 Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

Afonso de Albuquerque, Universidade Federal Fluminense
 Amilcar Bezerra, Universidade Federal de Pernambuco
 Ana Regina Rêgo Leal, Universidade Federal do Piauí
 André Fabrício da Cunha Holanda, Universidade Federal da Bahia
 André Lemos, Universidade Federal da Bahia
 Arthur Coelho Bezerra, Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Bruno Cardoso, Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Carlos Pernisa Júnior, Universidade Federal de Juiz de Fora
 Cecília Maria Krohling Peruzzo, Universidade Metodista de São Paulo
 Cláudia Lago, Universidade Anhembi Morumbi
 Eduardo Antonio de Jesus, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
 Felipe Simão Pontes, Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Francisco Rüdiger, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 Gills Vilar Lopes, Universidade Federal de Pernambuco
 Gilmar Mascarenhas de Jesus, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
 Henrique Zoqui Martins Parra, Universidade Federal de São Paulo
 Hérica Lene, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Jamer Guterres De Mello, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 João Damasceno Martins Ladeira, Universidade do Vale do Rio dos Sinos
 Juciano Lacerda, Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Julio Roberto Groppa Aquino, Universidade de São Paulo
 Leda Maria Rangearo Fiorentini, Universidade de Brasília
 Lúcia Sá Rebello, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Marcelo Spalding, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 Marcos Dantas, Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Maria Fantinato Geo de Siqueira, Columbia University

Marta Mourao Kanashiro, Universidade Estadual de Campinas
Patrícia Kely Azambuja, Universidade Federal do Maranhão
Paula Sibilía, Universidade Federal Fluminense
Rafael de Almeida Evangelista, Universidade Estadual de Campinas
Ricardo Medeiros Pimenta, Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia
Rodrigo José Firmino, Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Roger Neves Machado, Universidade Federal de Pelotas
Rosana Vieira de Souza, Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Rosemary Segurado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Sérgio Amadeu da Silveira, Universidade Federal do ABC
Tadeu Capistrano, , Universidade Federal do Rio de Janeiro